



José Cardoso Pires

AMÊNDOA AMARGA

Quando abro a “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, é rara a vez que não encontre qualquer coisa de humor ou de provincianismo que não me enteneça. Palavra. Ainda aqui há dias fui à palavra “Algarve” e não é que descobri que, para além da amêndoa, da alfarroba e doutras primícias muito festejadas, aquela província era uma excelente produtora de poesia?

“Os poetas no Algarve são em grande número”, está lá escrito. “Podemos contar cerca de trinta rouxinóis do Parnaso na Primavera do canto.” Assim mesmo, palavras textuais.

Hoje, no Jardim das Amendoeiras em Flor, parece que as lagostas moderaram os ímpetos e os comerciantes até já falam com portugueses, veja-se a humilhação! Os veraneantes que este ano se arriscaram a passar férias no Algarve afirmam que a crise melhorou a paisagem. Eu, cá de longe, ponho dúvidas.

Eu, de poetas algarvios, só conhecia João de Deus e António Aleixo, e tinha folheado e logo esquecido o livro de um tal Cândido Guerreiro que aparece montado a cavalo no meio dos versos, página sim, página não. Dos outros rouxinóis apeados, nunca lhes ouvi o pio.

Em complemento da literatura canora, a “Enciclopédia” refere dois prosadores: Teixeira Gomes e, naturalmente, o grande, inefável e cardinalíssimo dr. Júlio Dantas. De Lídia Jorge nem uma palavra (felizmente para ela, que, na altura da edição, ainda não devia ser nascida).

E, no entanto, foi precisamente Lídia Jorge que, em “O Cais das Merendas”, apontou numa

notável efabulação, o conflito de identidade provocado no Algarve pela emigração e pela indústria do turismo. Entretanto, o que o romance anunciava não tardou a tornar-se uma realidade ainda mais dramática. E veio o que se sabe: a subserviência selvagem às investidas estrangeiras e uma ocupação cultural dominada pelos bifes, daneses, germanos, gauleses e todos os demais indígenas com cotação na bolsa internacional. Português, português a sério, era uma língua pré-histórica para os algarvios comunicarem entre si. E em código morse, se possível.

FÁBULA DO CÃO EXTREMENHO E DO GATO ALGARVIO

Um cão espanhol e um gato algarvio encontraram-se um dia na fronteira do Guadiana e o perro começou logo a rosnar. O gato, impassível, respondeu-lhe rosnando. Rosnando? Aí, francamente, o cão achou estranho e desatou ladrar. O gato algarvio nem hesitou e respondeu-lhe com um ladrar na perfeição, de dentes afiados e tudo. Latidos do cão a seguir. Latidos do gato também.

Mau. Perante um diálogo destes, o cão estava o que se diz desnorreado.

“Afinal”, perguntou-lhe ele, “que raio de gato és tu que ladras como os cães e tudo?”

“Sabes”, respondeu-lhe o gato algarvio, “é que, na minha terra, quem não souber línguas está perdido.”

Por aqui se prova que, no Jardim das Amendoeiras em Flor, ser português ao natural era uma estupidez analfabeta ou uma humilhação masoquista, e acreditar nas regras do comércio do país isso, então, ainda pior. Contra o roubo “à la carte” do negociante mafioso, não havia nada a fazer senão calar e pagar, a menos que, por uma ideia luminosa, o explorado con-

seguisse ultrapassar a corrupção instituída, como aconteceu com

OCASO DA LAGOSTA ARREPENDIDA

Chamado a Faro para uma intervenção de urgência, um conhecido cirurgião de Lisboa resolveu comer uma pequena lagosta antes de se dirigir ao hospital. Restaurante deserto àquela hora da manhã, refeição rápida e uma conta louca, astronómica, para assentar a digestão. O cirurgião mandou chamar o gerente, que, pelos vistos, não tinha tempo para aceitar reclamações em português. Os criados, fiéis à política da casa, viraram-lhe as costas para o deixarem a aboborar, e o médico ficou sozinho, minutos e minutos à espera de alguém que o quisesse ouvir.

Veio para a porta, passar o tempo, e aí ocorreu-lhe a ideia salvadora: sair sem pagar. Saiu e, do hospital, mandou comunicar a sua identificação ao restaurante, deixando bem claro que só liquidaria a conta em tribunal.

Remédio santo. Tanto quanto se sabe, até hoje, o gerente da lagosta luxuriosa ainda não deu um arzinho da sua graça e continua misterioso como sempre.

Percalços destes eram coisa de somenos no saldo turístico do Jardim das Amendoeiras em Flor. Hoje parece que, por lá, as lagostas moderaram os ímpetos e os comerciantes até já falam com portugueses, veja-se a humilhação! Os gatos miam, não ladram, e os veraneantes que este ano se arriscaram a passar férias no Algarve afirmam que a crise melhorou a paisagem.

Eu, cá de longe, ponho dúvidas. De concreto, de concreto, vou saboreando um cálice de amêndoa amarga, que, “oh blossoms of my sins”, é a coisa mais requintada que me vem desse tal Jardim das Amendoeiras em Flor. ●